

MILTON SANTOS: NOTAS SOBRE O RACISMO ESTRUTURAL BRASILEIRO



Maurício Waldman



**EDITORA KOTEV
AFRICANIDADES 7**

MILTON SANTOS: NOTAS SOBRE O RACISMO ESTRUTURAL BRASILEIRO ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

Poucos intelectuais brasileiros desfrutaram do impacto teórico, reconhecimento político e de aderência pública tal como o geógrafo afro-brasileiro Milton Santos. A obra de Santos, extensa, crítica, original e profunda, correu o mundo, granjeando-lhe respeito, fama e admiração.



Foto emblemática do geógrafo brasileiro Milton Santos
(Fonte: < <http://miltonsantos.com.br/site/> >. Acesso: 5-04-2016)

Não é para menos. A contribuição de Santos para a geografia, oferecendo métodos e ferramentas de análise que aprofundaram o conhecimento do espaço geográfico, colocou em cheque as perspectivas tradicionais que campeavam no saber geográfico.

Propondo o espaço enquanto uma dimensão vinculada a contextos histórico-sociais, a disciplina passou a postar no seu horizonte as contradições que opõem os homens entre si, que para Santos, possuem inequívoca interface espacial.

De igual modo, rubricava que a organização do espaço, é por si mesma, fator de peso no direcionamento e articulação da convivência humana, que detém o supremo poder de inaugurar coisas novas.

É assim que em 1994, coroando magnífica vida acadêmica, Milton Santos tinha em mãos o maior prêmio da geografia mundial, o Prêmio Vautrin Lud, considerado o Nobel da geografia. Para conferir: o brasileiro foi o único geógrafo do Terceiro Mundo laureado com tamanha honraria.

Deixando este mundo em 2001, a contribuição genial do geógrafo segue, iluminando a ciência e a atuação de todos que lutam por uma sociedade melhor. Neste sentido, seria meritório anotar para além do brilho intelectual e do ativismo social, Santos era um cidadão preocupado com o racismo e a repercussão reconhecidamente negativa que induz no edifício social.

Sendo ele mesmo afrodescendente, tinha clara noção de que o preconceito racial no Brasil persevera impregnado de conotação estrutural, determinando que a marca mais notória do fenômeno esteja fundada na naturalização da discriminação, nota matricial no processo de mutilação da cidadania afrodescendente.

Esta posição é muito evidente no esclarecedor depoimento que o geógrafo prestou no ano 2000 para o jornal paulista Folha de São Paulo. Sem meias palavras, eis como Santos sentenciou:

“A marca predominante é a ambivalência com que a sociedade branca dominante reage quando o tema é a existência, no país, de um problema negro. Essa equivocação é também duplicidade e pode ser resumida no pensamento de autores como Florestan Fernandes e Octavio Ianni. Para eles, entre nós, feio não é ter preconceito de cor, mas manifestá-lo” [...] “a chamada boa sociedade parece considerar que há um lugar predeterminado - lá embaixo - para os negros. E assim tranquilamente se comporta”.

Como se sabe, a segregação encontra apoio no reinado secular do racismo na história brasileira, com a ideologia do branqueamento ocupando posição de proa. Negando qualquer integração real do negro na sociedade nacional, a diluição fenotípica dos negros e a extirpação da matriz africana seriam práticas modelares visando fagocitar - isto é: destruir paulatinamente - a presença negra no espaço nacional.

Tal negação do negro é tipificada na atitude deliberada de distanciamento para com a África, na difusa desqualificação das religiões afro-brasileiras, na padronização estética centrada em modelos europeus e na exclusão do negro dos postos mais influentes da

sociedade, sendo a meta não declarada de esse movimento instituir no Brasil uma nação branca, europeia e ocidental.

Note-se que esta predisposição não se restringe à invectivas imaginárias. Pelo contrário, demonstra versatilidade na materialização de ações discriminatórias duras, contumazes e violentas. Nos anos 2000, os negros eram 64% dos pobres e 69% dos indigentes, ao passo que o Brasil branco era 2,5 vezes mais rico do que o Brasil negro.

Nas últimas décadas, o país presenciou alguma alteração neste quadro. Porém, estudos demonstram que a desigualdade persiste. Em 2009 os brancos compunham 75,07% dos 10% mais ricos, ao passo 72,9% dos mais pobres eram negros.

Em 2012, os negros tinham em média renda 36,11% menor do que os brancos. Apenas 37,4% da população universitária era afrodescendente. Grupos como idosos e mulheres negras são particularmente vulneráveis e desfavorecidos.

No tocante à organização espacial brasileira, as comunidades quilombolas formam mais de 3.500 assentamentos no território nacional. Constituem uma das marcas mais incisivas da presença negra na territorialidade brasileira, fruto de uma resistência que perdurou por gerações sem conta.

Mas, no máximo 10% destas terras estão tituladas. A despeito deste índice inquietante, em Março de 2013 a administração Dilma Rousseff somava irrisórios 632 hectares de terras tituladas.

Saliente-se que mesmo os 59,6 mil hectares titulados nas duas gestões Lula (2003-2010) e dos 415,2 mil nas duas administrações de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), também estiveram longe de zerar o *deficit* de institucionalidade das comunidades negras rurais.

Neste cenário, a omissão em tornar efetiva a Lei nº. 10.639, que propõe mudanças curriculares em prol da herança negra, tonifica a perpetuação e reprodução de imagens preconceituosas, energizando o racismo estrutural, cuja tônica tem sido a faculdade de se recompor em diferentes contextos. Porém, preservando o objetivo central de manter a população negra apartada da sociedade nacional.

Ademais, a Lei nº. 10.639 enfrenta manobras contrárias à sua efetivação. Confira-se: no ano de 2009, 1.953 dos 5.565 municípios brasileiros (ou seja: tão só 35,1% do total), confirmaram capacitação de professores nas temáticas de raça e/ou etnia.

Não obstante a porcentagem cientificar certa deferência pela legislação por parte dos gestores municipais, arrole-se que apenas 245 prefeituras (4,4%), listaram a iniciativa dentre as cinco medidas priorizadas pela educação municipal. Então, seria forçoso reconhecer a existência de claros sinais da escassa receptividade do temário na pauta institucional.

Ao lado da incipiência dos cursos de capacitação do magistério, medidas básicas como a criação de disciplinas com foco na África e no temário afrodescendente, integrando a grade disciplinar das universidades, assim como as mudanças dos currículos acadêmicos (que perseveram postulados eurocêntricos), não tem observado progresso real.

Existem também aspectos qualitativos da aplicação da Lei nº. 10.639. Indo direto ao ponto: meramente introduzir “conteúdos” sobre África ou cultura negra no ensino é inútil. Dantes, teria precedência elucidar *qual conteúdo* tem sido disponibilizado aos estudantes.

Nesta perspectiva, retenhamos que Milton Santos entendia ser tendência intrínseca aos sistemas desequilibrados tão somente o agravamento dos problemas e o alargamento dos abismos que separam povos e pessoas. Neste particular, o racismo estrutural é clara evidência desta entropia.

Na superação dos problemas, Santos advertia para a necessidade vital das mais amplas maiorias, grupos e segmentos sociais participarem da construção de novos paradigmas.

Ao mesmo tempo, o geógrafo advertia que novas formas de pensar e de agir no mundo não tem como serem gestadas em gabinetes, em congressos, em debates isolados ou serem fruto da aspiração solitária de um pensador, por mais genial que seja.

Sublinhava enfim que a questão étnica e racial deve ser enfrentada pelo conjunto da sociedade, subentendendo a construção de um projeto coletivo de país.

Deste modo, o tempo e o espaço, mesmo agregando forte componente inercial, podem transfigurar-se no berço do inédito, de novas modalidades de coexistência e de construção do futuro.

De um futuro que abra suas portas para todos os brasileiros e que para tanto, solicita com urgência e prontidão, um país efetivamente democrático, inclusivo e antirracista.

¹ **Milton Santos: Notas Sobre o Racismo Estrutural Brasileiro** é artigo eletrônico primeiramente disponibilizado na home-page do **Instituto Portal Afro** em 10-04-2016. A presente edição deste texto foi masterizada em 2018 pela **Editora Kotev (Kotev ©)** para fins de acesso livre na Internet. Enquanto tal, incorpora regras atualmente vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas editoriais e de estilo, assim como normatizações inerentes ao formato PDF. A confecção desta edição contou com a Assistência de Editoração Eletrônica e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, Contato E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Home-Page: www.harddesignweb.com.br. Anote-se que editorialmente **Milton Santos: Notas Sobre o Racismo Estrutural Brasileiro** é um material gratuito, sendo vedada qualquer modalidade de reprodução comercial e de divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev**. A citação de **Milton Santos: Notas Sobre o Racismo Estrutural Brasileiro** deve obrigatoriamente incorporar referências ao autor e ao texto conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *Milton Santos: Notas Sobre o Racismo Estrutural Brasileiro*. Série Africanidades Nº. 7. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018.

² **MAURÍCIO WALDMAN** é professor universitário, pesquisador acadêmico, editor, jornalista, consultor e antropólogo africanista, com Graduação em Sociologia (USP, 1982), Mestrado em Antropologia (USP, 1997), Doutorado em Geografia (USP, 2006), Pós-Doutorado em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós-doutorado em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015). Dois dos títulos das pesquisas do autor, Mestrado em Antropologia (USP, 1997) e Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013), constituem trabalhos com área de concentração em África. Waldman foi colaborador de Chico Mendes (1988), integrou o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, 1988-1990) e atuou como membro da diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção São Paulo (AGB-SP, 2002-2003). No campo do conhecimento africanista, atuou como consultor internacional da Câmara de Comércio Afro-Brasileira (2013-2017), e durante dez anos (2004-2014), como professor nos cursos de difusão cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Waldman foi consultor do Instituto Paulo Freire no campo temático de África e realidade negra brasileira, também desenvolvendo palestras e conferências sobre África & Africanidades em dezenas de cidades brasileiras. Maurício Waldman responde pela autoria de 210 artigos, resenhas, projetos e textos científicos centrados no temário de África & Africanidades. Dentre outros veículos de mídia impressa, os textos de Waldman foram regularmente publicados pela revista África (CEA-USP), Jornal Cultura (Luanda, Angola), revista Brasil-Angola Magazine (São Paulo), revista Contemporartes (Curitiba) e Portal Instituto Afro (São Paulo). É autor de *Africanidade, Espaço e Tradição: A Topologia do Imaginário Espacial Tradicional Africano na fala griot sobre Sundjata Keita do Mali* (Revista África, coedição CEA-USP/Editora Humanitas, 1997-1998, volume 20/21, pp. 219-268), *paper* considerado internacionalmente relevante pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), o mais influente centro de investigações mantido pelo governo da França (Confira Ficha Catalográfica: < http://mw.pro.br/mw/cat.inist.fra_2017_kotev.pdf >). Maurício

Waldman é coautor de *Memória D'África: A Temática Africana em Sala de Aula* (Cortez Editora, 2007), obra de referência no campo africanista brasileiro.

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>

Verbetes Wikipedia (BrE): http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Contato Email: mw@mw.pro.br

SAIBA MAIS SOBRE O RACISMO ESTRUTURAL

**RACISMO NO BRASIL:
IMAGINÁRIO E MATERIALIDADE DA DISCRIMINAÇÃO**



MAURÍCIO WALDMAN



**EDITORA KOTEV
AFRICANIDADES 30**

http://mw.pro.br/mw/africanidades_30.pdf

ANALISANDO O PRECONCEITO NA EDUCAÇÃO

MAURÍCIO WALDMAN



O MAPA DE ÁFRICA EM SALA DE AULA: A Persistência do Imaginário da Desqualificação e do Racismo na Cartografia Escolar de África



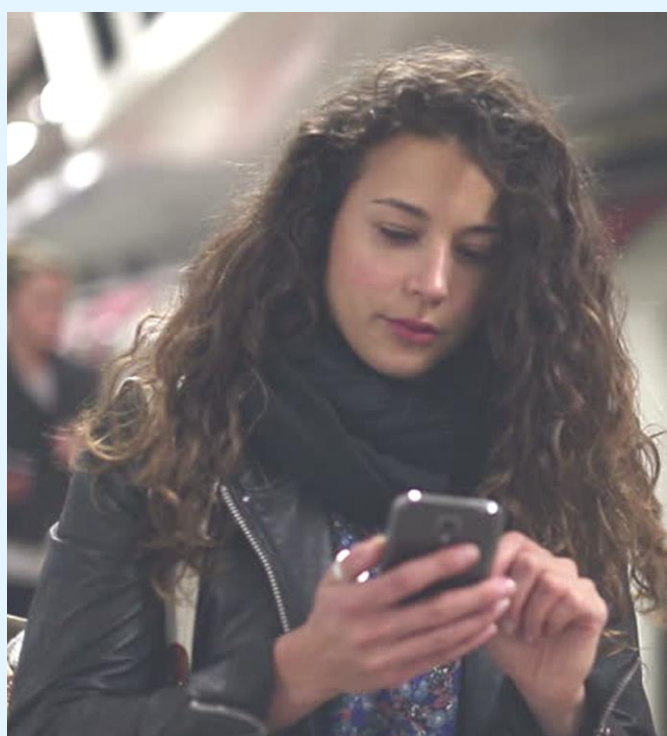
EDITORA KOTEV
ÁFRICA & AFRICANIDADES: Coleção Acadêmica 2

http://www.mw.pro.br/mw/o_mapa_de_africa_em_sala_de_aula.pdf

CONHEÇA A SÉRIE AFRICANIDADES



<http://mwtextos.com.br/serie-africanidades/>



EDITORA KOTEV
Sintonizada com
o Futuro Digital



EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

Os debates sobre **ÁFRICA & AFRICANIDADES** são um pilar central de atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividades no ano de 2016. Também trabalhamos com temas relacionados com **RELAÇÕES INTERNACIONAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**. Saiba mais sobre a EDITORA KOTEV. Acesse nossa página: <http://kotev.com.br/>
Qualquer dúvida nos contate. Estamos à disposição para atendê-lo: atendimento@kotev.com.br